



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

20, 21 e 22 de Setembro 2014



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Diário do Leitor	<b>Data:</b> 22/09/2014
<b>Assunto:</b> Tecnologia		<b>Página:</b> 17

# DIÁRIO CATARINENSE

### VÍCIOS TECNOLÓGICOS

Hoje vivemos nas escolas públicas uma verdadeira batalha diária com alguns “vícios” desta geração ligada a tecnologia e desligada do mundo real. Não consigo ver a escola com toda esta liberdade hoje dada aos alunos. Vejo algumas professoras de gerações passadas e as comparações são inevitáveis. A indisciplina, a falta de respeito e o desinteresse pelos estudos é evidente. Claro que a culpa, ou grande parte dela, é dos pais que não interferem na educação de seus filhos e acabam transferindo para a escola uma obrigação que deveria ser da família.

**MARCELO ROBERTO VIEIRA BRAGA,**  
**PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
São Francisco do Sul



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Diário Catarinense	<b>Editoria:</b> Cacau Menezes	<b>Data:</b> 22/09/2014
<b>Assunto:</b> Eleições		<b>Página:</b> 30

# DIÁRIO CATARINENSE

## LÓGICA CERTA

**N**o rastro das eleições, o professor Marcelo Batista de Sousa lembra que a dívida com a educação não é só dos governos e dos políticos.

"Cabe a nós eleitores, que em 5 de outubro voltaremos às urnas, eleger os candidatos que saibam explicar por que tem gente que fica dias na fila para conseguir uma

vaga na escola, ou por que há crianças estudando em salas de aula improvisadas, sem porta e sem janela". Presidente do Sindicato das Escolas Particulares de Santa Catarina, o professor sugere que o leitor reflita: "Se você concluir que seu candidato não apresenta ideias claras e viáveis para valorizar a educação, mude de candidato". Eu apoio.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Folha de São Paulo	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/09/2014
<b>Assunto:</b> Enem		<b>Página:</b> Online

EM JORNAL VERMELHO DE MANHÃ • P. 4 • WWW.FOLHA.COM.BR

# FOLHA DE S. PAULO

### **Posição da escola no Enem é importante, mas demanda análise cuidadosa**

Apesar de ter função de diagnosticar a educação no ensino médio, o ranking do desempenho das escolas no Enem deve ser usado com cuidado pelos pais como critério de escolha.

A influência de fatores socioeconômicos contribui para 75% das notas dos colégios. Isso quer dizer que, no fim das contas, nota depende menos do empenho da escola e mais de fatores como a renda familiar do aluno e o grau de instrução dos pais.

Essa é uma das conclusões da tese de doutorado de Rodrigo Travitzki, professor de biologia que estuda a avaliação escolar por meio do Enem.

Para a escolha da escola, Travitzki diz que a classificação no teste "pode ser uma informação a mais", caso os pais saibam como ela é feita.

O ranking do Enem se baseia em notas divulgadas pelo Inep -responsável pelo exame. Para este especial, a Folha considerou a média das quatro provas objetivas -ciências da natureza, ciências humanas, matemática e linguagens e códigos.

"A forma 'ranking' acaba sendo enganosa, e é importante que os pais saibam", alerta Travitzki.

Por um lado, entre as primeiras posições, colégios semelhantes podem apresentar uma diferença de desempenho, devido à existência de prova ou triagem na seleção de seus alunos, por exemplo.

Por outro, notas de escolas "medianas" podem subir e descer centenas de posições ano a ano por nenhum motivo além do acaso.

Quem fica tentando explicar essas ascensões e quedas está "desperdiçando seu tutano com indagações vãs", afirma Travitzki.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

Para Paula Louzano, pedagoga e doutora em educação pela Universidade Harvard, se olharmos para escolas da mesma faixa de preço e com localização semelhante, o ranking pode ser um critério.

"O Enem não é a melhor medida de qualidade de ensino, mas ao menos as escolas perceberam que estão sendo avaliadas", diz Louzano.

Travitzki afirma que atualmente está estudando estatísticas educacionais, tentando "descobrir se há maneiras mais interessantes" de se utilizar as informações do Enem para ajudar a melhorar as escolas.

### RELATIVIZAR

Para Naercio Menezes, coordenador do Centro de Políticas Públicas do Insper, na escolha do ensino médio, onde o foco é o vestibular, as notas do Enem são uma boa referência. "Estrutura física pode ajudar, mas é menos importante que aulas organizadas", afirma Menezes.

Thaís Milano, gestora pedagógica do ensino médio da Escola Viva, relativiza a nota em testes como critério. "Temos que pensar na realidade do Enem, mas preparar o aluno para quaisquer escolhas, seja a faculdade ou um ano sabático", diz.

O diretor de vendas Maurício Ghigonetto escolheu a Escola Viva quando a filha mais velha tinha 1,5 ano. "Quando visitei a escola vi a reprodução de um busto de Rodin que uma aluna de nove anos tinha feito. Eu fiz a matrícula sem pensar em notas no vestibular, porque isso é uma consequência natural", diz.

Nos primeiros anos do ensino básico as escolas devem focar em habilidades como extroversão e amabilidade.

Ir ao local, sentir o ambiente e conversar com a diretoria são bons métodos para checar se o foco não é apenas o currículo, diz Menezes, do Insper.

Para o professor Antônio Augusto Gomes, coordenador do Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária), os pais devem buscar uma escola mais ou menos rígida de acordo com o perfil da família.

Para tanto, ele recomenda visitar o site da instituição e falar com os pais de alunos matriculados. Devem ser evitadas escolas grandes demais, onde é difícil acompanhar alunos individualmente, diz.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> R7	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/09/2014
<b>Assunto:</b> Educação Integral		<b>Página:</b> Online



### **Educação integral alcança 12% do total de matrículas das redes públicas, diz ministro da Educação**

*Segundo o MEC, o programa Mais Educação abrange 60 mil escolas e quase 8 milhões de alunos*

A educação integral alcançou este ano 12% das matrículas nas redes públicas da educação básica. A informação foi dada pelo o ministro da Educação Henrique Paim durante a 47ª webconferência do programa Mais Educação, na última quinta-feira (18).

Segundo o MEC, estão no programa 60.368 estabelecimentos de ensino e aproximadamente 8 milhões de estudantes.

#### Recursos

Romeu Caputo, presidente do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), explicou que o repasse de dinheiro às escolas participantes do programa, este ano, será feito em duas parcelas. A escola que aplicar os recursos da primeira parcela recebe a segunda.

— É importante que a escola planeje o uso do dinheiro, nós queremos o uso eficiente dos recursos públicos para assegurar a execução do Mais Educação.

Ao reafirmar o compromisso com o programa, Caputo disse que foram transferidos às escolas mais de R\$ 1 bilhão neste ano.

Sobre a transferência de recursos para a merenda escolar, que é feita em cota única para a prefeitura, o presidente do FNDE lembrou que os diretores devem informar no censo escolar o número de estudantes matriculados na jornada integral – mínimo de sete horas por dia ou 35 horas semanais – para que o município adquira os alimentos necessários para as refeições.

\* Com informações do MEC



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Revista Veja	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/09/2014
<b>Assunto:</b> Eleições		<b>Página:</b> on-line



### OS CANDIDATOS E A EDUCAÇÃO

Até a morte trágica de Eduardo Campos, esta campanha tinha uma característica especial: os principais candidatos à Presidência podiam exibir experiências reais na administração de sistemas educacionais de grandes regiões, de forma que era possível não apenas julgar seus programas de governo como também os resultados de sua gestão. Com a entrada de Marina, perde-se essa dimensão da experiência, mas ganha-se com as informações anotadas no plano de governo mais detalhado entre os três principais postulantes. Combinando a análise do passado e os planos de futuro, faço a seguir a minha leitura sobre a relação dos candidatos à Presidência com a área da educação. Apenas duas ressalvas preliminares: minha opinião sobre as propostas educacionais de cada um deles não significa uma avaliação global sobre o candidato, muito menos uma declaração de voto. Há outras dimensões fundamentais para a decisão de voto, e não tenho nenhum vínculo, formal ou informal, com nenhuma das campanhas.

O melhor candidato é Aécio Neves. Sua plataforma de propostas é aquela que denota maior preocupação com o problema mais urgente a ser combatido: a qualidade do ensino, especialmente nos primeiros anos do ensino fundamental. A primeira diretriz do candidato do PSDB já aponta para a necessidade de vincular a remuneração dos professores ao desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Nem é o ponto em si que me parece vital — a literatura mostra que programas que dão dinheiro diretamente ao professor não vão bem, e o ideal é que a escola como um todo se beneficie, até porque a obtenção do resultado é da coletividade de professores —, mas sim a sinalização de que esse é o eixo fundamental do programa. Na sequência das diretrizes (links para os programas estão em [twitter.com/gioschpe](https://twitter.com/gioschpe)), está toda uma série de iniciativas determinantes para o aprimoramento do nosso sistema educacional, a maioria das quais ignoradas pelas outras candidatas: criação de uma política nacional de formação de professores; estímulo federal à criação de acordos focados em resultados nos estados e municípios; definição de bases comuns para um currículo nacional, “estabelecendo com objetividade e clareza o que é básico e indispensável que todos os alunos brasileiros aprendam em cada ano”; reformulação das diretrizes do ensino médio, permitindo a escolha por ensino técnico já nesse nível; criação de um programa nacional que auxilie estados e municípios a traduzir os resultados das avaliações externas de qualidade educacional em práticas eficazes em sala de aula. Além desses aspectos qualitativos está lá o apoio ao gigantismo quantitativo, defendendo os 10% do PIB para a educação do PNE, expansão da matrícula em creches e pré-escolas, expansão da escola de tempo integral etc.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

O programa é tanto mais crível porque Aécio e seu sucessor, Anastasia, tiveram uma gestão comprometida com a melhoria da aprendizagem em Minas Gerais. O Ideb da rede estadual mineira ao fim do ensino fundamental era de 3,6 em 2005, primeiro ano disponível, passando para 4,4 em 2011. Minas passou do 3º lugar no país em 2005 para o 2º em 2011, superando São Paulo.

Em segundo lugar vem Dilma, que teve na educação uma das poucas áreas em que seu governo apresentou avanços. Quatro programas de sua gestão foram importantes para o setor: o Ciência sem Fronteiras, que até o fim do ano terá concedido 101 000 bolsas a universitários para que estudem no exterior; o Pronatec, que fomenta o ensino técnico e já conta com 8 milhões de vagas abertas, em uma parceria com o competente sistema S; o Pnaic, programa que visa a alfabetizar nossos alunos no início do ensino fundamental, e, finalmente, a expansão do Fies, programa de financiamento do ensino superior, que permitiu continuada expansão da matrícula, através das universidades privadas. Não seria muito correto julgar seu governo pelo Ideb do país, já que a educação básica é de responsabilidade de estados e municípios, mas nosso lento progresso nacional é um espelho dessa gestão, que fez coisas positivas mas nunca teve a disposição para mexer em questões realmente fulcrais, como formação de professores, exigências de contrapartidas para a liberação de recursos, currículo nacional etc.

Em termos programáticos, a área da educação tem a mesma tônica do resto da campanha dilmista, prometendo a continuação e expansão dos programas já existentes. O viés é totalmente quantitativo, naquela crença de que, se se jogar um caminhão de dinheiro no sistema, professores despreparados e gestores incompetentes passarão a dar ótimas aulas. Fala-se em universalizar a pré-escola até 2016, educação em tempo integral, melhores salários para o professor, mais 12 milhões de vagas no Pronatec só no ano que vem etc. O Ideb não é sequer mencionado, nem o verbo “aprender”, muito menos a palavra “resultado” no que concerne a educação.

Por último, para minha surpresa, aparece Marina. Ela parte com o handicap de nunca ter administrado um sistema de educação em sua carreira. Mas soltou um plano de governo detalhado, de 242 páginas, devotando uma seção inteira à educação, que poderia inspirar confiança. Para este escriba, teve o efeito oposto. É um programa que parece se interessar mais por árvores do que por alunos. Eis o que diz em seu segundo parágrafo: “Para que sejam abertos caminhos menos poluidores e mais produtivos para o desenvolvimento do país, é fundamental o desenvolvimento de tecnologias, algo intrinsecamente dependente da formação escolar”. Parece que a função da escola é gerar tecnologias ecologicamente limpas. Na mesma página, mais adiante, declara que a agenda estratégica do setor é “voltada para uma sociedade em transição para o desenvolvimento sustentável”. A tônica do restante das propostas me pareceu uma colcha de retalhos que mistura uma visão atrasada com tentativas de parecer modernoso e profundo, tudo permeado por uma ingenuidade ou, se preferirem, idealismo. Há apoio à expansão do ensino em tempo integral, mais uma vez com ênfase na questão verde: “A educação ambiental (...) torn-a-se um eixo fundamental da educação integral”. Os alunos no ensino integral deverão ter atividades agrícolas (?!),



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

além de esportivas e tecnológicas. Também prevê a mobilização de clubes, comércio e igrejas para ampliar os espaços físicos e as responsabilidades pela implantação do ensino integral. Não bastassem os 10% do PIB que o setor já consumirá, ainda precisaremos de uma grande mobilização popular para implementar seus programas. O programa estipula que as novas escolas devem ser construídas de forma sustentável e ter gestão, adivinhe!, sustentável (claro) da água. Marina resgata uma bandeira petista da década de 90, ao focar seus esforços na redução das desigualdades. De todos os tipos: étnicas, regionais, rural versus urbana etc. Coloca como uma de suas políticas mais importantes a nacionalização de um programa do governo de Pernambuco que concede cursos intensivos de inglês e espanhol. Obviamente o domínio de uma língua estrangeira é fortemente desejável, mas nossas escolas ainda nem conseguem ensinar o português... O programa também faz uso questionável de dados para embasar suas teses. Um gráfico mostrando o investimento em educação compara os dados de investimentos públicos no Brasil com a soma de gastos públicos e privados de outros países, e o volume investido por aluno é apresentado em valores nominais e não em relação ao PIB per capita, tudo isso para mostrar que investimos pouco e precisamos de mais dinheiro para o sistema. Há ideias boas, como insistir na expansão de cursos técnicos, reforçar o Fies e o ProUni e vincular a remuneração de professores a um futuro Exame Nacional para Docentes. Mas a impressão geral é de uma certa cacofonia e falta de rumo, um desejo de acertar no cravo e na ferradura, tudo isso permeado por um linguajar empolado e uma obsessão pela questão ambiental que me parece esdrúxula para um país que ainda não conseguiu, em pleno 2014, passar do bê-á-bá.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Nota 10	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/09/2014
<b>Assunto:</b> Ciência sem Fronteiras		<b>Página:</b> Online



# Dilma: alunos que não se dedicam ao CsF desmerecem o país

Em coletiva de imprensa no Palácio do Alvorada, na sexta-feira passada, a presidente Dilma Rousseff disse que casos de estudantes que não se dedicam ao Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) são minoria. "Os que fizerem isso são pessoas que estão desmerecendo o país, lamentavelmente", disse Dilma, que acrescentou, "isso não é significativo em relação aos que estão lá, não é".

Dilma referia-se à matéria publicada com exclusividade via Agência Brasil sobre reclamação feita pela Universidade de Southampton, no Reino Unido. Um e-mail enviado aos alunos pela Science without Borders UK, parceira internacional do programa no Reino Unido, dizia que a instituição cogitou "deixar de oferecer estágios para estudantes no futuro" pela falta de dedicação dos estudantes brasileiros. O estágio é um componente central da bolsa e também um elemento obrigatório.

A presidente também comentou a volta de estudantes que não obtiveram a nota mínima de fluência em inglês em curso financiado pelo governo no exterior. Em abril deste ano, 110 alunos foram excluídos do CsF e tiveram que voltar ao Brasil. "A universidade controla se ele está cumprindo o roteiro dele. Se não passar em inglês, volta sim para cá. Por que vai ficar lá?"

O CsF foi lançado em 2011, com o objetivo de promover a mobilidade internacional de estudantes e pesquisadores e incentivar a visita de jovens pesquisadores altamente qualificados e professores seniores ao Brasil. Oferece bolsas, prioritariamente nas áreas de ciências exatas, matemática, química, biologia, das engenharias, das áreas tecnológicas e da saúde. A meta é oferecer 101 mil bolsas até o final deste ano.

Dilma defendeu o programa, que é uma das principais ações de sua política educacional. "Uma das formas do país estreitar as diferenças entre a educação dada nos países desenvolvidos e a nossa é colocando os nossos estudantes por mérito, por mérito, para estudar no exterior. Ninguém nunca tinha colocado 101 mil estudantes no exterior". Antes de cumprir a meta, a presidenta anunciou uma segunda etapa do programa, que terá mais 100 mil bolsas a serem implementadas até 2018.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Nota 10	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 22/09/2014
<b>Assunto:</b> Escolas Rurais		<b>Página:</b> Online



### **Brasil tem 508 escolas rurais sem infraestrutura, diz estudo**

No Brasil, 508 escolas rurais não têm condições de infraestrutura, têm baixa taxa de aprovação e muitos alunos abandonam os estudos. Nessas escolas não há sequer água filtrada. É o que mostra o estudo Escolas Esquecidas, divulgado esta semana pelo Instituto CNA, ligado à Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, que mapeou esses centros de ensino. A maioria está nas regiões Norte e Nordeste e é de difícil acesso.

O estudo utiliza os dados do Censo Escolar de 2012 e revela instituições que não têm biblioteca, computador, TV, antena parabólica, videocassete, DVD, água filtrada, saneamento básico ou eletricidade. Quase 40% dos estudantes repetiram de ano e 23% abandonaram os estudos. Nas demais escolas do país, a taxa de aprovação passa dos 83%, e o abandono chega a 3,8% no ensino fundamental e a 10,2% no ensino médio.

A maior parte dessas escolas está na Região Norte: 209 no estado do Pará e 202 no Amazonas. As demais escolas estão no Acre (36), no Maranhão (22), na Bahia (12) em Roraima (11), em Pernambuco (6), no Amapá (4), no Mato Grosso (3), no Piauí (2) e em Rondônia (1). Do total, 184 estão em terras indígenas, 44 em áreas de assentamento, oito em áreas remanescentes de quilombos e uma em unidade de uso sustentável. Grande parte é municipal.

São Gabriel da Cachoeira, município do Amazonas que faz fronteira com a Venezuela e a Colômbia, concentra 67 escolas rurais sem condições mínimas de infraestrutura, o maior número encontrado no estudo. "A zona rural é muito distante da zona urbana. Há locais em que é preciso uma semana para chegar, é preciso ir de rapeta pelos rios, passar por cachoeiras", explica a assessora da Secretaria de Educação do município, Socorro Borges. "As escolas estão nessa situação pela dificuldade de levar material e porque não temos muito recurso."

O município encontra também dificuldades em levar os alimentos da merenda escolar para os centros de ensino, que atendem, com exceção de dois, à populações indígenas. Socorro explica que eles contrataram uma empresa para fazer o transporte e que têm que levar alimentos enlatados, em vez de orgânicos, para que durem mais tempo.

Chaves, no Pará, tem 17 escolas que aparecem no relatório. "Essas escolas são de madeira, estão perto das margens dos rios, algumas estão interditadas porque a erosão chegou nelas", diz o secretário de Educação do município, Edgar Quadros. A cidade fica às margens do Rio Amazonas e é frequentemente atingida pela pororoca - grandes e violentas ondas que são formadas a partir do encontro das águas do mar com as águas



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

do rio. "Muitas vezes comunidades inteiras têm que se mudar por causa de alagamentos e a escola vai junto."

Segundo ele, das quase 100 escolas do município, 97 estão em zona rural. O secretário disse que já solicitou ao Ministério da Educação (MEC) ajuda para construir 43 escolas, 31 estão em processo licitatório. Também há problema em fixar os docentes. "Poucos são das comunidades. Geralmente são de fora, vêm de cidades próximas, de Belém, e ficam nas comunidades por temporadas", diz o secretário.

De acordo com o levantamento, as escolas sem infraestrutura representam 0,7% do total de escolas públicas rurais no país que, em 2012, somavam 75,7 mil centros de ensino.

"O estudo é um alerta para o meio rural, especialmente para aquelas escolas que chamamos de esquecidas. Através dessa metodologia chegamos a 508, mas sabemos que outras escolas estão ali no limite, se houvesse uma flexibilização nos critérios, haveria um número maior de escolas [sem as condições mínimas de infraestrutura]", diz o secretário executivo do Instituto CNA, Og Arão.

Segundo ele, as escolas rurais são muito importantes para a formação das comunidades do campo e são também um incentivo para que as famílias permaneçam na área rural. "Sem uma escola de qualidade não consigo formar, levar conhecimento e inovação, manter essas pessoas no campo", acrescenta Arão.

O MEC diz que desde 2012, com o Pronacampo, tem intensificado ações voltadas para as escolas rurais, enviando recursos aos estados e municípios e às próprias escolas. Além disso, também desde 2012, reúne-se com 80 municípios, que são os que concentram a maior parte das escolas rurais, buscando uma gestão mais próxima, discutindo formação de professores, possibilidades de financiamento e de apoio às escolas do campo.

Segundo a secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Macaé Evaristo, 46% das escolas apontadas no estudo estão em municípios que fazem parte desse grupo. "Nenhuma criança nesse país pode ficar sem atendimento escolar. No campo é preciso atenção redobrada, independentemente do lugar que a criança nasceu, tem que ter acesso à educação e educação de qualidade", diz a secretária.